

1. Como foi o processo de mobilidade, desde a informação, passando pela documentação, processo de seleção (se houve), aquisição da bolsa e hospedagem, além dos preparativos para a mudança?

- A ideia de ter uma experiência de média/longa duração no exterior partiu da necessidade de adquirir conhecimentos em ambiente distinto ao que já se trabalhava há alguns anos. Vendo colegas de outras instituições indo para países de língua diversa do Português, vivendo culturas diferentes da qual estou acostumado, me instigou a buscar “algo novo”.

Em 2015, viajei com dois amigos para os Estados Unidos, para visitar Universidades sediadas nos estados da Califórnia, Colorado, Nebraska e Flórida. Nessa ocasião, pude entender o processo de encaminhamento para o Pós-doutorado e conhecer pesquisadores e professores que atuam em minha área (*networking*). Aproveitamos para participar de uma grande feira de irrigação que aconteceu em Long Beach, na Califórnia, onde conheci um grupo de pesquisadores que viriam a ser, futuramente, minha porta de entrada para o Pós-doc.

Neste intervalo de tempo (2015 a 2017) fui conversando com um professor sediado na Flórida, para alinharmos um trabalho que pudesse ser desenvolvido durante minha estadia nos EUA. Em 2017 iniciei todo o processo, fiz uma nova viagem à Flórida para participar de um evento na área de irrigação, onde me reuni, novamente, com o professor que aceitou me receber para o Pós-doc.

Então iniciei o processo documental, tanto no Ifes (avaliação por Colegiado de Curso, liberação da chefia imediata e Direção do campus, aprovação em nível de Reitoria etc) como na *University of Florida* (UF), meu destino. Tive que obter uma série de documentos, desde comprovação de renda que garantisse meu sustento e de minha família, vistos para mim e meus acompanhantes, carta convite, tradução de documentos, comprovação de proficiência em inglês (obtida por meio de entrevista online), pagamento de taxas, organizar adiantamento e reposição de aulas, bem como combinar com colegas aqui do campus para assumirem algumas disciplinas enquanto eu estivesse afastado (fica aqui meu agradecimento aos colegas Ismail, Ednaldo e José Roberto), dentre outros.

Tentei bolsa pelo Edital 22/2018 de Bolsas especiais do CNPq, mas sem sucesso, devido ao corte de verbas no setor. Aproveitei o Edital Prointer 09/2019-PRPPG, para angariar fundos de auxílio à viagem. Com esse recurso consegui pagar as passagens de ida e volta para mim e meus acompanhantes. Todos os demais custos tive que assumir, utilizando de uma reserva que havia feito anteriormente. Consegui uma ajuda de custo, disponibilizada pelo meu supervisor na UF, que foi fundamental para garantir minha tranquilidade financeira.

Após tudo preparado, me organizei para ir, sozinho, em agosto de 2019, quando me mudei para a cidade de Fort Pierce, Flórida, justamente na estação dos furacões. No dia em que cheguei, havia um furacão (Dorian) se deslocando diretamente para a cidade em que eu estava. Por sorte, ao chegar à costa da Flórida, se desviou e foi para outra região.

2. Chegando ao país de destino, como foi a recepção das pessoas a você?

Ao chegar, me hospedei na casa do Professor Supervisor do Pós-doc, onde fiquei por duas semanas, até encontrar um local para morar durante os seis meses que ficaria. Essa foi uma das tarefas mais difíceis que vivenciei, principalmente devido ao alto custo do aluguel e custo de vida. Era difícil dividir o tempo entre buscar pela moradia e veículo para deslocamento, abrir conta em banco, organizar minha vida em um novo país e, ainda, conseguir acompanhar o processo de estabelecimento na Universidade.

Inicialmente me cerquei de brasileiros que já moravam na região, que me receberam muito bem, mas isso atrapalhou um pouco a convivência com pessoas nativas. Com certo esforço, consegui conviver com funcionários e professores da Universidade e, principalmente, estudantes e outros intercambistas de outros países, como China, Índia, Paquistão, Nepal, França, Itália, México, Colômbia, Bolívia, Equador. Certamente, aquele campus era um *hub* de muitas nacionalidades.

Terminada a fase de adaptação (cerca de 30 dias) consegui dar início aos trabalhos científicos, que me demandaram muita dedicação, dias inteiros e até noites trabalhadas na UF e em casa.

3. Com quais aspectos da cultura do país destino você se identificou? Quais causaram estranhamento?

A principal diferença cultural que observei foram as relações pessoais. Os estadunidenses, em geral, são mais reservados do que nós, brasileiros. No entanto, o cumprimento às leis e regras são, de longe, mais respeitados do que vemos aqui em nosso país. Percebe-se mais organização nas cidades, vias de acesso, rodovias etc. O respeito à coisa alheia e à privacidade das pessoas é muito evidente. Outro ponto relevante, é que lá (EUA), tudo é pago, até mesmo uma visita para olhar um apartamento para locação. Dificilmente se consegue “favores”. E, é claro, não podemos esquecer da alimentação. Posso dizer com propriedade: não existe lugar melhor no mundo para se comer bem, barato e com fartura e variedade, do que em nosso país.

4. Qual tem sido o aproveitamento do curso em sua vida estudantil/profissional e social?

O meu afastamento se deu para um Pós-doutorado, que não é propriamente um curso, mas sim uma experiência profissional em ciência e tecnologia. O que vivenciei na UF me permitiu uma grande ascensão profissional, desde maior respeito entre meus pares, aprovação de projetos de pesquisa e extensão em agências de fomento como CNPq e Fapes, convites para integrar equipes de outras instituições e grupos de pesquisa (inclusive de outros países), convites para consultorias, publicação de artigos em periódicos de maior impacto, que em conjunto, me levaram a ser Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, uma das maiores conquistas profissionais que tive até o momento.

Tudo isso gera visibilidade, o que atrai não somente outros pesquisadores e colegas docentes, mas também empresas, que buscam parcerias para desenvolvimento de produtos e tecnologias. Podemos dizer que “uma coisa puxa outra” e, assim, quanto mais crescemos, mais o crescimento nos procura.

Isso é bom para mim, como profissional, para a instituição em que trabalho, pois me permite angariar recursos financeiros para o desenvolvimento de projetos, e para os alunos, pois com isso, consigo gerar maiores oportunidades e experiências.

Do ponto de vista social, posso dizer que essa experiência traz uma realização pessoal, com o reconhecimento de todo um trabalho pela sociedade em que estamos inseridos.

5. Qual tem sido o aproveitamento da experiência de intercâmbio em sua vida estudantil/profissional e social?

A experiência vivida trouxe grande amadurecimento, pois passei por algumas dificuldades em um país de língua estrangeira, em que a comunicação é dificultada e, resolver problemas simples, pode ser um grande desafio.

Além da vivência onde fiquei sediado, pude realizar viagens durante meu afastamento, em que conheci quatro outros países e mais sete outros estados americanos. Pude proporcionar à minha família essa incrível experiência internacional.

O aprendizado (verdadeiro) de um novo idioma é, sem dúvidas, muito importante. Hoje viajo com muito mais tranquilidade para outros países e consigo aproveitar melhor as experiências. Além disso, os horizontes se ampliaram e não teria qualquer receio de me apresentar para uma plateia estrangeira, o que era tarefa quase inimaginável antes do Pós-doc.

Por fim, conhecer novas culturas nos proporciona ver o mundo de forma diferente, “sair da caixa”, aprendemos a respeitar mais a diversidade e sermos mais tolerantes e compreensivos, termos empatia. Posso dizer que, hoje, sou uma pessoa melhor do que aquela que viajou para a Flórida, em agosto de 2019.

Espero que, com esse relato, eu consiga estimular meus colegas a buscarem experiências como essa, para que possam vivenciar tudo aquilo que eu tive a oportunidade de conhecer.

Prof. Gustavo Haddad Souza Vieira

Docente na rede Federal desde 2003 e no Ifes desde 2008.



Fig 1. Entrada da *University of Florida*, campus de Fort Pierce.



Fig 2. Colegas (estudante, Pós-doc e funcionário) durante trabalho de campo na Universidade.



Fig. 3. Trabalho de pesquisa em casa de vegetação da UF.



Fig. 4. Visita com a família no campus sede da UF, em Gainesville-FL.



Fig. 5. Equipe do laboratório de Horticultura da UF.



Fig. 6 – Intercambistas de outras nacionalidades na entrada da UF, Fort Pierce-FL.



Fig. 7. Noite de Halloween, evento de grande tradição da cultura Norte Americana.